

Espaço Cavideo
exibe docs no
Museu da Maré

PÁGINA 3



Madonna deixa
cidade após
show histórico

PÁGINAS 4 E 5



Mãe Janayna
Lázaro e seu apoio
à cultura carioca

PÁGINA 7



2º CADERNO

Divulgação

Maior festival
de cinema do
mundo celebra
60 anos da
produtora LC
Barreto com
projeção de
'Bye Bye Brasil'
em sua seleção
de clássicos

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para Correio da Manhã

Ao lado de um filme póstumo de Jean-Luc Godard ("Scénarios"), de uma série sobre Costa-Gavras e de uma projeção comemorativa dos 70 anos de "Os Sete Samurais", a seção Classics do 77º Festival de Cannes (14 a 25 de maio) vai prestar um tributo a uma das produtoras de maior prestígio da América Latina – que tem DNA brasileiro. A LC Barreto terá seus 60 anos de atividade festejados na mais prestigiosa mostra de cinema do mundo com direito a exibição de "Bye Bye Brasil" (1979), dirigido por Cacá Diegues.

Lucy Barreto foi a responsável para que esse clássico nacional, visto por 1.488.812 pagantes e indicado à Palma de Ouro, saísse do papel. Ela vai à Croisette para a homenagem, ao lado de sua filha



José Wilker vive Lorde Cigano em 'Bye Bye Brasil', que passa na Cannes Classics em tributo ao clã Barreto

Cannes embarca na Caravana ROLIDEI

Paula e do companheiro de vida e de projetos, Luiz Carlos, o Barretão. Ao lado dele, Lucy comemorou duas indicações ao Oscar

conquistadas pela LC, a primeira dada a "O Quatrilho", em 1996, e a segunda, a "O Que É o Isso, Companheiro?", em 1998.

"Essa homenagem é para o cinema brasileiro em peso, não para mim. Os 60 anos de existência da LC mostra a luta que toda pro-

duzora tem que ter no Brasil para sobreviver. Não é apenas a questão de fazer um bom filme, é entender como o mercado está para poder receber nossos longas e acolhê-los da melhor forma", diz Lucy, que deve celebrar o aniversário de sua batalha em prol do audiovisual em outras praças, além de Cannes. "Estamos conversando com Nova York, no Lincoln Center, para um evento em setembro. Para outubro, estamos em conversa com a Cinemateca Alemã e, em novembro, nossa meta é Portugal. Temos papos ainda com a Inglaterra e a Itália. Fora isso, estou produzindo novos filmes, que é o nosso papel".

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Giu Pera/Divulgação



Maurício Manieri fará shows entre maio e junho

Maurício Manieri abre turnê pelo Brasil nesta quinta

Maurício Manieri está de volta aos palcos em turnê pelo Brasil. O artista anunciou muitas novidades em seu novo show, que passará pelas principais cidades do país.

O cantor traz a nova versão do espetáculo "Classics", de atmosfera nostálgica que promete transportar o público para uma viagem através das décadas de 70, 80 e 90 com os maiores hits da música romântica.

Comemorando 25 anos de carreira, Manieri, com sua voz marcante, grave e rouca, já tem confirmadas apresentações em Fortaleza (9), Natal (10), Recife (11), Ribeirão Preto (17), São José do Rio Preto (18), Bauru (19), Tubarão (8/6), São Paulo (11/6), Rio (12/6) e Porto Alegre (14/6).

Greve à vista

Uma organização representando os trabalhadores do Festival de Cannes está convocando uma greve para a próxima edição do festival contra proposta de reforma trabalhista que promete reduzir os valores do seguro-desemprego no país.

Insatisfação

A saída de Christina Rocha, anunciada na última semana, não foi surpreendente para quem acompanha os bastidores do SBT. A apresentadora já estava insatisfeita com os rumos de sua carreira na emissora de Silvio Santos faz algum tempo.

Datas extras

Fabio Porchat abriu mais duas sessões extras do espetáculo "Histórias do Porchat", dias 10 e 17 de maio (sextas) às 21h no Teatro Multiplan. Neste solo o comediante conta experiências únicas e inusitadas de suas viagens pelo mundo.

Vozes maternas

A jornalista Roberta Ferpin criou, escreveu, produziu e entrevistou personalidades para a série "Confidências Maternas". Entre as entrevistadas estão Malu Mader, Cissa Guimarães, Micaela Góes, Fernanda Venturini e Cynthia Howllet.

Para os próximos meses, Lucy Barreto deve apresentar o circuito com a aventura "Vovó Ninja", com Glória Pires, e com a comédia "Traição Entre Amigas", com Larissa Manoela. Finaliza de quebra "Deus Ainda É Brasileiro", com Antonio Fagundes sob a direção do já citado Cacá Diegues, que teve seu "Bye Bye Brasil" incluído na lista dos cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos votada pela associação de críticos Abraccine.

"Depois de ver 'Xica da Silva', eu fiquei encantada com o trabalho do Cacá, e procurei-o para que desenvolvêssemos um projeto. Ele me propôs filmar 'Tereza Batista Cansada de Guerra', do Jorge Amado. Fui atrás dos direitos, mas Jorge pediu um preço nas alturas, entusiasmado com o sucesso que fizera seu 'Dona Flor', filmado pela gente, na LC. Disse para o Cacá: 'Você não pode pensar numa outra coisa'. Aí ele me veio com um parágrafo: 'Um casal de artistas mambembes viaja pelo Brasil com um casal de camponeses, descobrindo um novo país'. Ora, num momento em que a televisão se espalhava por toda a nação, aquela ideia soou ótima. Aí eu sugeri que ele fizesse uma viagem, acompanhado por um bom roteirista – que, no caso, era o Leopoldo Serran -, para pesquisar", lembra Lucy. "Na sequência, Cacá falou com o Chico Buarque para fazer a música e deu naquela beleza".

Na trama de "Bye Bye Brasil", o sanfoneiro Ciço (Fábio Jr.) e a mulher, Dasdô (Zaira Zambelli), que está grávida, são surpreendidos pelo encontro com a Caravana Rolidei, um circo sobre rodas. A companhia itinerante é formada pelo mágico Lorde Cigano (José Wilker), a dançarina Salomé (Betty Faria) e o Rei dos Músculos, Andorinha (Príncipe Nabor). Ciço, apaixonado por Salomé, decide acompanhá-los pelo país adentro, arrastando Dasdô, que tem seu parto feito de improviso por Cigano, recebendo uma bebezinha, Altamira.

"Esse foi o filme mais difícil de toda a minha carreira na produção. Eu tinha três equipes em ação, si-



A produção de 'Bye Bye, Brasil' foi complexa mobilizando equipes em várias partes do Brasil

'Xica da Silva', o passaporte para 'Bye Bye'

Divulgação



multaneamente. Era uma equipe produzindo, na frente de todo. Era a equipe do Cacá, na filmagem. Era a equipe de desprodução. Lembro de falar com o Cacá: 'Se você for filmar a Amazônia, que fazê-lo de helicóptero, para registrar aquela beleza toda da floresta do alto. O Brasil tem que ser ver nesse filme. Você vai descobrir novos horizontes e eu, também", diz Lucy. "Não

conhecia o Amazonas, não conhecia a região de Altamira. O filme me deu a chance de compreender toda a diversidade de nosso país. Filmamos os exteriores em locações e, algumas cenas de interior, foram feitas no Rio. Depois, quando o dinheiro escasseou, a gente filmou exteriores aqui no Rio mesmo. Esta cidade é um estúdio vivo, um dos maiores deste mundo".

Cinema com inclusão é a maior diversão

Recém-aberto no Museu da Maré, Espaço Cavideo promove sessões com documentários que retratam expressões artísticas das periferias

Com o objetivo de ampliar o acesso dos moradores do Complexo da Maré à arte e à cultura, o “Espaço de Cinema Cavideo está em funcionamento no Museu da Maré, com programação gratuita que inclui sessões até agosto (sempre às terças e quintas-feiras e em datas extras a serem anunciadas), debates, e oficinas.

Os filmes exibidos são escolhidos entre os mais de 350 disponíveis do acervo da Cavideo, que nasceu como locadora, em 1997, e hoje é uma produtora de obras audiovisuais dirigida por Cavi Borges.

Nesta terça (7) e quinta (9) serão exibidos filmes sobre o universo do funk: “Baile Soul” (2023), de Cavi Borges; “L.A.P.A” (2007), de Cavi Borges e Emilio Domingos; “Minha Área” (2005), de Cavi Borges, Gustavo Pizzi, Gustavo Melo, e Emilio Domingos; “Duelo de Titãs” (2016) de Cavi Borges e Christian Caselli; e “Na Terra de Marlboro” (2024), de Cavi Borges.

Depois do fim do projeto, em agosto, todo o equipamento adquirido para a abertura do espaço de exibição (projektor, computador, telão e aparelhagem de som) será doado para continuação do trabalho. Uma vez por mês, há debate com um convidado após a sessão, com nomes como Neville de Almeida, Luciano Vidigal, Marcus Faustini, e uma oficina de como realizar e produzir filmes, ministrada por Cavi Borges, para até 30 jovens da comunidade durante dois meses.

Há também sessões com tradução em Libras, audiodescrição e capacitação da equipe do projeto para se relacionar com o público com deficiência auditiva e visual.

O Espaço de Cinema Cavideo foi idealizado pelo ator e produtor Pedro Monteiro e por Cavi Borges, com apoios do Ministério da Cultura e Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através da Lei Paulo Gustavo.

“O projeto nasceu da vontade de fomentar a cultura na região, mas também da minha memória afetiva da educação que recebi nas escolas municipais e estadual onde estudei. Sou formado no ensino médio pelo colégio estadual Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado. O meu interesse pelas artes nasceu a partir de atividades na sala de aula ou nas iniciativas culturais públicas que frequentei. Assim, comecei a construir o adulto que sou”, lembra Monteiro.

Durante seus 27 anos de atividades, a Cavideo tem contribuição fundamental para o fomento do cinema nacional, e firmou inúmeras parcerias com espaços de projeção na cidade, como o Nós do Morro, no Vidigal; a Arteiros, na Cidade de Deus; Cinema de Guerrilha da Baixada, em São João de Meriti; Subúrbio em Transe, em Vista Alegre, entre outros.

“Queremos ampliar o acesso dos moradores da Maré ao cinema, mas também organizar debates que gerem reflexões artísticas, políticas e sociais sobre os temas tratados nos filmes. A gente sempre teve essa vontade de estar em vários lugares do Rio, a diversidade é a marca registrada da Cavideo. Vamos apresentar para a comunidade da Maré filmes feitos no Vidigal, na Cidade de Deus, na Rocinha. Diferentes espaços da cidade também vão nessa ocupação”, comenta Cavi. “Vamos levar para lá nossa experiência



Pedro Monteiro/Divulgação

Cavi Borges: ‘Queremos ampliar o acesso dos moradores a maré ao cinema, mas também organizar debates que gerem reflexões artísticas, políticas e sociais’

não só de produção, mas também de distribuição, de exibições em cineclubes. Esse trabalho que a gente já desenvolve há 27 anos”, conclui o diretor.

A Cavideo foi inaugurada em 1997 numa loja dentro da Cobal do Humaitá como locadora especializada em filmes de arte, tornando-se uma referência dos cinéfilos cariocas. Nos anos 2000 a locadora virou uma grande parceira de diversos realizadores emprestando gratuitamente filmes para serem exibidos em cineclubes, e espaços alternativos de cinema.

Criou o projeto “Curtas na Prateleira” que distribuiu gratuitamente por cinco anos DVDs com curtas metragens. Desde 2005 a Cavideo deixou de ser só uma locadora de vídeos, e se transformou numa produtora de audiovisual. Realizou ao todo 143 curtas-metragens, 92 longas, além de videoclipes e videodanças. Alguns desses filmes participaram de grandes festivais de cinema, como: Cannes, Berlim, Rotterdam, e Festival do Rio. Ao todo a Cavideo já distribuiu em salas de cinema do país 25 longas-metragens nacionais.

PROGRAMAÇÃO

7/5

14h30 - “Baile Soul” (2023), de Cavi Borges: Do fim dos anos 60 até o fim dos anos 70, as equipes de som realizavam bailes blacks em centenas de clubes espalhados pelo subúrbio do Rio de Janeiro, dando origem ao movimento “Black Rio”. A música soul reinava nessas festas e atraíam milhares de pessoas todos os fins de semana para esses eventos. Esse “fenômeno” popular colaborou para a consolidação do movimento negro.

16h - “L.A.P.A” (2007), de Cavi Borges e Emilio Domingos: O documentário acompanha a agitação cultural na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro, tradicional reduto de sambistas. Hoje, o local também é ponto de encontro de MCs e do rap e é esta nova faceta do bairro que o filme investiga.

9/5 - MOSTRA DE CURTAS

14h - “Minha Área” (2005), de Cavi Borges, Gustavo Pizzi, Gustavo Melo, e Emilio Domingos: O Rap como ofício. O bairro como fonte de inspiração para dois jovens compositores. A vida de MC e suas respectivas áreas. A língua do Rap e sua influência gerando uma nova forma de compor.

“Duelo de Titãs” (2016) de Cavi Borges e Christian Caselli: Curta documental sobre as equipes de som “Furação 2000” e “Soul Grand Pix” que no auge do movimento funk duelavam uma contra a outra.

15h30 - “Na Terra de Marlboro” (2024), de Cavi Borges: Filme sobre o lendário DJ Marlboro e a história do surgimento do Funk Brasil.

SERVIÇO

ESPAÇO DE CINEMA CAVIDEO

Museu da Maré (Av. Guilherme Maxwell, 26 – Maré)

Até 8/8, com sessões às terças e quintas-feiras (14h) e datas extras a serem anunciadas com antecedência nas redes sociais da Cavideo e do Museu da Maré

Madonna deixou o Copacabana Palace por volta das 22h20 de domingo (5) e, antes de entrar no carro, acenou e mandou beijos para os fãs que faziam plantão na calçada do hotel famoso e gritavam o nome da artista. Ela vestia uma jaqueta preta, usava óculos escuros e estava com os cabelos soltos. Acompanhada por seguranças e membros de sua equipe, a rainha do pop foi ovacionada por fãs que aguardavam em frente ao hotel para dar adeus à cantora que seguiu direto para o Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, onde estava seu jato particular.

A cantora chegou no Rio na segunda-feira (29) e ficou na Cidade Maravilhosa por quase uma semana. Desde sua chegada, a artista foi recepcionada por uma legião de fãs na frente do hotel, até a multidão que lotou as areias de Copacabana para o show de encerramento da Celebration Tour.

Agora ela deve aproveitar o fim da turnê para descansar. A artista, que no ano passado enfrentou problemas de saúde, que resultou no adiamento dos shows da Celebration Tour, deve retornar aos Estados Unidos, onde mora não confirmou qual é o seu destino após mais uma passagem bem sucedida pelo Brasil.

Após reunir 1,6 milhão de pessoas nas areias da praia, no encerramento da “Celebration Tour”, que comemora seus 40 anos de carreira, Madonna agradeceu as presenças de Anitta e Pablló Vittar na apresentação. Ela usou o Instagram para agradecer à dupla de artistas: compartilhou fotos ao lado de Anitta e Pablló e publicou um vídeo dos acontecimentos. Na legenda, escreveu: “Isso realmente aconteceu... Obrigada, Rio... Obrigada, Pablló Vittar e Anitta... Palavras não conseguem descrever minha gratidão! A todos os envolvidos!”

Anitta celebrou a participação no show. A funkeira declarou em suas redes que a cantora americana representa a liberda-



Madonna posa com seus convidados Anitta e Pablló Vittar nos bastidores do show

MADONNA deixa o Rio após show histórico

Imprensa internacional enaltece gigantismo da apresentação da cantora americana que reuniu 1,6 milhão de pessoas na orla de Copacabana

de de toda uma comunidade e agradeceu o convite de subir ao palco da Rainha do pop. “Foi uma noite histórica para minha cidade Rio de Janeiro. Madonna terminou sua turnê na praia para mais de 1 milhão de pessoas. Um momento muito especial para todos nós”, escreveu. “Me sinto muito honrada por você ter me convidado para fazer parte deste momento. Você representa a liberdade de toda uma comuni-

dade que ontem celebrou junta a sua vitória.”

Anitta subiu ao palco durante a apresentação de “Vogue” e ambas simularam receber sexo oral dos bailarinos de Madonna. Após a participação, a brasileira deixou o palco.

Em entrevista ao Fantástico, Pablló contou que passou a semana ensaiando ao lado da diva pop e se sentiu a “pessoa mais abençoada do mundo”. “Ela me

chamou de filhinho, eu pensei, vou ter que chamar de mãe. Já considero minha mãe”, disse Pablló Vittar, que se juntou à rainha do pop na apresentação que encerrou a “Celebration Tour”, que comemora os 40 anos de carreira da diva pop. A presença da brasileira criou um dos momentos mais comemorados pelo público.

A drag queen segurou Madonna no colo e, juntas, elas

dançaram e ergueram bandeiras do Brasil, enquanto vestiam modelitos com as cores da bandeira brasileira. Pablló definiu o momento como inexplicável. “Estou em êxtase até agora. Com o convite da Madonna, que sou fã, e todo o carinho do público que recebi. Passar esses dias ensaiando, subir no palco com ela e tudo ao redor é algo inexplicável”, disse em comunicado enviado por meio de sua assessoria.

Repercussão global

O espetáculo repercutiu na imprensa internacional, que usou palavras como “histórico” e “monumental” para descrever o show realizado na noite de sábado.

Foi o maior show da carreira da artista, afirmou o francês Le Monde. “Uma estrela global, uma cidade de sonho, uma praia lendária”, escreveu o jornal sobre o que afirmou ter sido um evento monumental. O periódico citou também a estadia da cantora no Copacabana Palace, tido como palácio e “refúgio de paz e luxo para estrelas de Hollywood e pop há décadas”.

CRÍTICA SHOW / MADONNA - CELEBRATION TOUR

Uma apresentação enérgica e divertida

Marcos Hermes/Divulgação



Por Lanna Silveira

Emoção, referência e sensualidade – essas três palavras resumem a tão esperada apresentação de Madonna na Praia de Copacabana, concluindo a “Celebration Tour”, no último sábado (4). Superando os números estimados, o show mobilizou mais de 1,6 milhões de pessoas na praia carioca, conquistando ainda 22 pontos de audiência na transmissão oficial da Globo.

Uma rápida retrospectiva da carreira da rainha, narrada com irreverência por Bob The Drag Queen, deu início ao espetáculo. Sem aviso prévio, Madonna irrompeu no palco cantando “Nothing Really Matters”; canção que também abriu os demais shows da turnê.

O que foi visto a seguir por milhões de brasileiros foi uma demonstração clara da força do fenômeno Madonna. Contando com a participação dos filhos nos atos de dança e tocando instrumentos, a artista deu um show de presença de palco.

Mesmo com as limitações naturais da idade, sua apresentação foi enérgica e divertida, com coreografias simples, mas dedicadas. A interação entre a cantora e os dançarinos era fluída e integrada; enquanto todos estavam juntos no palco, a cantora não ofuscava o balé ou vice-versa.

As músicas selecionadas para a turnê quiseram agitar o público geral, com clássicos como “Like a Prayer” e “Hung Up”, e acalantar os corações dos fãs incondicionais, investindo em músicas menos conhecidas como “Bad Girl” e “Bedtime Story”. Alguns instrumentais foram completamente retrabalhados pela turnê: as dançantes La Isla Bonita e Express Yourself foram apresentadas em versões acústicas, no momento clássico “Madonna e violão” que é marca registrada de suas turnês. Outra canção repaginada foi “Music”, que recebeu a intervenção de baterias de diversas escolas de samba do carnaval brasileiro. O momento contou ainda

com a participação especial da cantora Pabllo Vittar, que se jogou no batuque junto a Madonna numa grande ode à cultura brasileira.

Ainda sobre o Brasil: como já era esperado, Anitta foi a cantora escolhida para participar do número “Ballroom”, dedicado à “Vogue”. Juntas, as cantoras simularam um

júri e avaliaram as performances de dançarinos, cheias de caras e bocas e muito bom humor.

Revisitando temas

Todos os atos da turnê foram dedicados a revisitar diferentes momentos da trajetória pessoal e artística da rainha do pop. Saudando

seu primeiro álbum e sua luta para ser reconhecida em Nova York, foram apresentadas esquetes de Madonna tentando entrar em clubes de dança – sem sucesso –, além de Everybody e Burning Up, dois dos primeiros singles lançados por ela.

Boa parte do segundo ato da turnê referencia a exploração da se-

xualidade promovida por Madonna no início dos anos 90, contendo músicas como “Erotica” e “Justify My Love”. Ao fim de Erotica, uma sócia de Madonna vestida com o figurino da Blond Ambition Tour se encontra com a versão atual da artista, refazendo a polêmica cena de masturbação que despertou a ira da Igreja Católica há 30 anos. Durante a apresentação de “Human Nature”, cuja letra fala sobre não se arrepender de sua fase sexual, são intercalados versos do hit “Crazy For You”, em uma declaração de Madonna para sua antiga versão: em 2024, além de não se arrepender que nada que fez, a cantora declara seu amor por seu eu do passado, que foi tão hostilizada e reprimida pelo público.

A cantora também reforçou seu apoio à comunidade LGBTQIA+, falando sobre a importância da liberdade e de poder viver e lutar por direitos sem medo das consequências. Madonna ainda disse que “lutará por eles até o dia em que morrer”.

O momento mais emocionante da noite foi a apresentação da canção “Live to Tell”, com a inclusão dos primeiros versos de “In This Life”. Resignificando sua letra, Madonna usou a canção para homenagear pessoas que perderam suas vidas durante a crise da AIDS dos anos 80 e 90, apresentando fotos de amigos e figuras públicas nos telões do palco. Em mais uma demonstração de carinho pelos brasileiros, foram incluídas fotos de Cazuzu, Renato Russo e Mauro Faccio Gonçalves – o Zacarias, dos trapalhões.

Os momentos finais do show foram embalados com um mashup de Like a Virgin e Billie Jean, do rei do pop Michael Jackson, com direito a performances de dançarinos emulando as caricaturas artísticas dos cantores na década de 80, e a canção que deu nome à turnê, Celebration, como música de fechamento. Sem dúvidas, o show, que já faz parte da história brasileira, será uma experiência agradavelmente inesquecível para todos os espectadores e um enorme presente para os fãs apaixonados.

Diferente de anos anteriores, Madonna apresentou seus grandes sucessos por meio de coreografias mais simples que exigissem menos de uma artista de 65 anos. Mas o resultado foi o suficiente para contagiar o público

Após encenações na Zona Oeste e Baixada, 'Burburinho' encerra temporada no Centro

O espetáculo Burburinho, dirigido por Sarah Christina Carvalho, que arrancou aplausos de público e crítica numa temporada que rodou pela Zona Oeste e Baixada Fluminense no mês de abril, chega ao Centro do Rio nesta terça para sua última apresentação, no Espaço das Artes Os Ciclomáticos, na Rua de Santana.

Na peça, a autora passeia por nomes como Carolina Maria de Jesus, Tarsila do Amaral, Conceição Evaristo, Cartola, Luiz Antônio Simas, Nei Lopes e Cândido Portinari numa tentativa de reconstruir a brasilidade a partir das miudezas do cotidia-

Reconstruindo brasilidades

Divulgação



'Burburinho' é um espetáculo que mistura linguagens para propor um olhar afetivo, popular e, sobretudo, político sobre nosso país

no e também aqueles nomes que foram esquecidos, apagados ou silenciados da História.

O espetáculo é uma mistura de linguagens, de técnicas e destas histórias, e propõe um

olhar afetivo, popular e político sobre nosso país com o objetivo de trocar, emocionar, comunicar

Preservar o passado é uma grande brincadeira

Com o objetivo de resgatar e apresentar versões atuais das antigas cantigas de roda para as novas gerações, o musical infantil "TumPaTa-Tum" estreia neste sábado (11), na Ecovilla Ri Happy, no Jardim Botânico. Com texto de Tamiris Pires e Cella Bártholo, direção de Alain Catein, direção musical de Caio Loureiro e coreografias da Bella Mac, o espetáculo promove uma viagem divertida e cronológica pelos clássicos da música infantil brasileira.

No repertório, estão reunidas mais de 20 canções tradicionais,

como "Ciranda, Cirandinha", "O Cravo e a Rosa", "Marinheiro só" e "Sapo Cururu". Este é o primeiro infantil profissional do Grupo In Cena, que iniciou suas atividades em 2020, e é formado pela escola In Cena Casa de Artes e pela In Cena Produções.

A trama acompanha quatro personagens – o professor Terry, a pilota Thea e os gatinhos intergalácticos Tetê e Toninho. Eles formam uma banda que viaja no espaço procurando itens do passado para que sejam preservados e nunca

Marcelo Martins/Divulgação



A trama acompanha quatro personagens que formam uma banda que viaja no espaço procurando itens do passado para que sejam preservados

esquecidos no futuro. No elenco, estão Lara Mendes, Vitor Louzada, Malu Coimbra e João Alves.

"A gente reúne em cena esses quatro personagens muito carismáticos, que formam uma banda e

e de falar do melhor que há em nós sem esquecer que o teatro é essencialmente político. Em Burburinho, teatro, dança, contação de histórias e música se entrelaçam, valorizando nossas memórias e ancestralidade.

"Temos como objetivo valorizar quem somos, nossa diversidade, pra que possamos ter orgulho de onde viemos, e celebrar nossa existência enquanto brasileiras e brasileiros. Fazemos isso passeando por diversos gêneros e referências. As nossas são, além das histórias que nos permeiam, cantos e contos populares, funk e o carnaval. Uma obra construída de forma colaborativa, onde todos colocaram um pouco de si, um pouco de nós. Uma obra sendo contada de diversas maneiras pois é assim que somos, diversos", explica Sarah Christina.

SERVIÇO

BURBURINHO

Os Ciclomáticos Espaço das Artes (Rua d Santana, 119, Centro)

7/5, às 19h30

Entrada franca

têm essa missão de viajar pelo espaço procurando canções que não podem ser esquecidas. Eu sou muito fã de gato e quis criar personagens inspirados nos meus próprios bichanos, que participam desse lindo projeto de preservação da memória cultural brasileira", conta a coautora da peça e diretora artística da In Cena, Cella Bártholo.

Parceiro da In Cena, Alain Catein participou como ator e foi preparador de elenco de "Nas Alturas", prática de montagem da escola, e foi professor de teatro de um curso de férias.

SERVIÇO

TUMPATATUM

Ecovilla Ri Happy: Rua Jardim Botânico, 1.008

dE 11/5 a 2/6, sábadoS e domingoS (16h). Não haverá apresentação em 25/5 e no dia 2/6 haverá sessão dupla, às 14h e 16h.

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ENTREVISTA / JANAYNA LÁZARO, MÃE DE SANTO

'A Flup é um espaço de difusão da ancestralidade'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Signo vivo do Candomblé no Rio de Janeiro, respeitada como figura de referência na luta antirracista e na batalha contra a intolerância no Rio de Janeiro, Janayna Lázaro vem mobilizando seu "barracão" (termo usado para a casa onde uma zeladora dessa religião presta seus serviços e pratica seu credo) e sua rede de "filhas", "filhos", consulentes e amigos em prol de um evento essencial à prática da leitura no país. Ano a ano, a ialorixá (o termo iorubá para mãe de santo) evoca os orixás e emprega todo o seu saber em prol da Festa Literária das Periferias.

Este semestre, o evento dirigido pelo escritor Julio Ludemir será realizado no Circo Crescer e Viver (Rua Carmo Neto, 143, Cidade Nova), neste sábado, das 12h às 23h. Saraus, shows, rodas de leitura e bate-papo com Conceição Evaristo prometem mobilizar toda a cidade.

Para Janayna, a festa tem um apelo a mais: ela está completando 50 anos de Santo (ou seja, de suas atividades cuidando de cabeças dos mais variados cantos do país e até do exterior).

Ela já abriu seu jogo de búzios pra gente de variadas profissões, acolhendo advogadas, barítonos, contadoras, dentistas, escritoras, farmacêuticos... Daria pra fazer um abecedário de ofícios analisando-se a turma de que ela cuida. E cuida não só espiritualmente, mas também abrindo seu lar, a Casa da



Divulgação

Uma das mães de santo mais famosas do Rio, Janayna Lázaro faz de seu barracão um polo de produção cultural na Zona Norte do Rio

“São muitos anos de intolerância, que começam desde os tempos em que os escravizados chegaram. Lutamos todo dia para que as pessoas entendam que todo mundo é igual”

Palha, em São Cristóvão, pra dar guarida e comida a pessoas vindas dos mais variados territórios. Muitas delas são artistas, que chegam ao Rio com sede de brilhar no teatro, na música, na TV, na arquitetura, no cinema.

Não por acaso, a casa em que ela milita em prol das tradições

africanas (de música, dança e fé) serviu como canteiro para frutificar projetos de peças, livros e filmes, transformando-se num polo cultural. Esse trabalho aproximou seu caminho da Flup. Sua interseção com a Festa Literária é ajudar a despertar a atenção do povo carioca para a preservação de tradições

Mãe Janayna Lázaro que vieram da África.

Qual é o papel cultural que a Flup exerce em relação às religiões de matriz africana?

Janayna Lázaro: A Flup tem sido um espaço de acolhimento para as casas de axé e um terreno de difusão do saber de nossa an-

cestralidade. A festa atraiu pessoas que gostam de literatura e abre um espaço para que esse povo conheça nossa cultura, aprendendo mais sobre nossas religiões.

Sua Casa da Palha atende pessoas das mais variadas profissões e das mais diferentes classes sociais, mas já serviu de incubadora para muitos projetos artísticos. Qual é a relação de seu barracão com a cultura?

Estamos abertos para todas as pessoas, de todas as áreas do saber, de todo o tipo. Não faço distinção. Acolho todo mundo. Contudo, muita gente que passa pela Casa da Palha é artista e convida outras pessoas do ramo da arte para nos visitar. Mas todo mundo é filho pra mim, independentemente do que faça. O que pregamos é que um irmão, uma irmã apoie a outra, o outro. É família. O papel de uma ialorixá é ser um fio condutor. Brinco que sou um "fio de conduta", pois meu trabalho é encaminhar, é aconselhar.

Este ano, o evento presta tributo à historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995) e fala dá voz uma série de mulheres ligadas ao movimento negro. Como a senhora avalia a força feminina da Flup deste ano?

Não é só este ano não. A Flup vem celebrando a foça da mulher preta brasileira faz tempo, partindo de nossas vivências para chegar à nossa ancestralidade. Sem nossos ancestrais não teríamos nada. Evo-cá-los e discutir um saber antigo e perpétuo.

Nesse lugar, de que maneira o evento ajudar a diluir o preconceito?

São muitos anos de intolerância, que começam desde os tempos em que os escravizados chegaram. Lutamos todo dia para que as pessoas entendam que todo mundo é igual. A Flup sempre levanta esse tema e, ao fazer isso, mostra para seu público que é preciso respeitar a escolha do próximo.

Com a exposição ‘Será o Benedito?’, Fátima Farkas resgata a memória das lutas raciais no Brasil

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), oficializado recentemente Patrimônio Cultural da cidade, celebra seus 19 anos com a exposição “Será o Benedito?”, da artista visual Fátima Farkas e com curadoria de Mauro Trindade.

Com cerca de 32 telas impactantes, a mostra que será inaugurada nesta sexta-feira (10) traz à tona personagens marcantes das lutas raciais, muitos dos quais foram esquecidos devido à herança racista e patriarcal.

Farkas utiliza sua pintura expressiva para reconstruir a memória, utilizando-se de retratos fotográficos de negros. Um exemplo é Benedito Caravelas (1805-1885), também conhecido como Benedito Meia-Légua, líder de grupos quilombolas que libertavam escravos no Nordeste e no Espírito Santo. A artista se inspira em fotografias antigas, como a de Alberto Henschel, para dar vida a esses personagens históricos.

Outros retratos notáveis incluem figuras como João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata, Luiz Gama, Nzinga, rainha de Ndongo e de Matamba, e o premiado arquiteto burquinês Diébédó Francis Kéré. Farkas também denuncia o apagamento histórico ao substituir rostos por vegetação ou por um vazio branco, representando o sumiço de corpos e vidas.

“Vendo a imagem das folhas voando em volta da minha figura pictórica, penso que sou o sonho de meus ancestrais. Sou uma mulher preta que realizou, estudou, que é remunerada e reconhecida pelo meu trabalho, me locomovo, tenho a liberdade de ir e vir com altivez. O estudo te dá isso. Gerações após gerações de gente corajosa e resiliente me trouxeram até aqui”, disse Luana W. Cotrin Negreiros, personagem retratada em três telas na exposição.

Para Mauro Trindade, curador da exposição, Fátima Farkas revela esse processo de apagamento e, numa ação estética e política, propõe uma reelaboração da memória através da apropriação de retratos fotográficos de negros que recria, com beleza e dignidade, grandes personagens



Dignidade para descontruir apagamentos



Ora com seus rostos exibidos ora cobertos de ausência, os trabalhos da artista visual Fátima Farkas denunciam o processo de invisibilidade de personagens pretos e suas trajetórias

do passado e do presente. “Esta exposição, que aborda temas tão relevantes como o esquecimento e a memória, oferece uma oportunidade única para se emocionar e refletir sobre essa parte crucial da história brasileira. O público é ainda recebido com uma fragrância no ar, evocativa de elementos como café, ouro, fumo e cana, que constituíam a rotina da maioria dos escravizados”, destaca Trindade. “Tão sinistro quanto a violência que marca as vidas e as mortes de 4,9 milhões de negros escravizados trazidos ao Brasil é o silêncio da história ante toda a herança racista e

patriarcal que permanece até os dias de hoje”, continua o curador.

“Será o Benedito” estará em cartaz no Instituto Pretos Novos até 20 julho. Além de celebrar os 19 anos do IPN, a mostra também marca os 250 anos do sítio do Cemitério dos Pretos Novos, um dos mais importantes vestígios da chegada dos africanos escravizados no Brasil, que funcionou entre 1774 e 1830.

Fátima Farkas tem sua origem profissional ligada ao design, migrando depois para as artes visuais. Seu trabalho tem forte ligação a questões brasileiras étnicas

e culturais, especialmente do Recôncavo Bahiano. Com formação entre o Rio e São Paulo, frequentou a escola do Parque Lage e integra o grupo Contraponto, reunido no ateliê de Sérgio Fingerman.

SERVIÇO

SERÁ O BENEDITO

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (Rua Pedro Ernesto, 32-34 - Gamboa)
De 10/5 a 20/7, de terça a sexta (10h às 16h) e sábados (10h às 13h)
Entrada franca